

Maria Helena Andrés, arte-educadora

Maurício Andrés Ribeiro (*)¹

Desde a década dos **anos 50** Maria Helena Andrés atua como arte educadora. Inicialmente, educou seus próprios filhos, como escreveu em seu blog: “Morávamos numa casa com um quintal muito grande. As crianças podiam se divertir sem precisar de ir para a rua. Havia um muro enorme de 60 metros. Eu preparava tintas nos baldes para eles grafitarem as paredes. Era um dia de festa quando pintavam – murais cheios de sugestões infantis. Nos papéis coloridos desenhavam o que sentiam daquelas experiências, os passeios no parque Municipal de BH, que era também um pequeno zoológico, as viagens ao Rio para criar castelos na areia e a vida rural de uma fazenda mineira. Esse contato com a natureza lhes permitia expandir o seu mundo e colocá-lo no papel, nas telas e nos muros. “

Quando suas filhas se tornaram adolescentes, elas ensinaram o que haviam aprendido, na Escolinha de Arte Andrés situada no quintal da casa em que moraram. Ali muitas crianças aprenderam a desenhar e pintar: “Incentivava os filhos a seguirem seu próprio chamado interno sem querer dirigi-los. Nossa casa na Santa Rita Durão 432 era frequentada por alunos de desenho e adolescentes cheios de ideias novas. Tínhamos dentro de casa uma Escolinha de Arte onde as filhas davam aula, um laboratório fotográfico onde os filhos faziam fotos e revelavam ali mesmo, além de um estúdio de cinema. Os filhos menores faziam cidades inteiras, maquetes de fazendas, tudo isto na sala de visitas (era época de chuva).”



¹ O autor agradece a Eliana, Ivana e Marília Andrés por suas contribuições para este texto.

Escolinha de Arte Andrés

Em fevereiro de 2022, em entrevista, ela explicou como foi criada e funcionava a Escolinha de Arte Andrés: “Nós começamos isso numa garagem na nossa casa na rua Santa Rita Durão 432. Meu ateliê ficava ali perto. Começou com Marília, Ivana e Eliana. As três filhas começaram a lecionar. Marília fez um curso com Augusto Rodrigues, grande arte educador. Eu também me interessei sempre por isso. Comecei a perceber que era importante dar atividades criativas para meus filhos, era uma forma deles se educarem. Percebia o valor da atividade criativa desde crianças. O mundo delas era o mundo das artes, afora os brinquedos e subir nas árvores para enxergar a cidade lá de cima ou descobrir o Japão no fundo da terra. A imaginação era sempre cultivada no dia a dia e eles desenhavam e eu desenhei muito nos papéis de radiografia que eu dava para eles, que o Luiz (meu marido, médico) trazia para a gente. Houve muito incentivo para as crianças criarem espontaneamente. Nada era dirigido. Eu não ensinava como fazer o boizinho, estimulava dando material e incentivo. Com isso criamos essa escolinha.”

Anos 60 – Escreve Maria Helena em seu blog: “Na década de 60 eu era professora da Escola Guignard e ali ocupava a cadeira de desenho de criação. A Escola era pobre, sem recursos, mas rica em talentos. Vários artistas saíram dali e seguiram mais tarde seu próprio caminho.” Em 1965 Maria Helena foi diretora da Escola Guignard: “Na década de 60 assumi a direção da Escola num período de crise financeira. Procurei vários ex-alunos e todos se prontificaram a dar aulas voluntariamente, sem nenhuma remuneração, até que a crise passasse. Tomamos a decisão de procurar apoio no governo de Minas. Acenamos para os poderes públicos em busca de ajuda e convidamos o Dr. José Guimarães Alves para dirigir a Escola e ligá-la à Imprensa Oficial. Lembro-me das reuniões improvisadas debaixo das árvores. Foi uma época tumultuada, cheia de imprevistos, mas também coroada de êxito. A solidariedade e o idealismo prevaleceram sobre a iminente derrota. Era necessário oficializar a Escola. A fim de legalizar o pagamento dos professores o novo diretor organizou um concurso público de Notório Saber ou Vênia Leandia. Todos fomos concursados e, de acordo com a lei, passamos a pertencer ao quadro de funcionários da Imprensa Oficial. Na década de 70 pedi demissão da Escola Guignard para me dedicar às minhas pesquisas na Índia e preferi me aposentar pelo INSS.”

Anos 70 e 80 - Em 1983, proferiu palestra sobre “Brasil e Índia / Semelhanças Culturais” no III Congresso Indo – português *em Panjim – Goa – Índia*. A partir de então

foi convidada pelo Indian Council for Cultural Relations a apresentar-se também em Chennai, Bangalore e Delhi.



Em depoimento oral Helena fala sobre o intercâmbio Brasil-Índia, Goa e o contrabando de mercadorias no Brasil e sobre as palestras que proferiu em cidades indianas.

Na Índia, visitou diferentes centros artísticos, instituições e comunidades espiritualistas. Tornou-se amiga de *Rukmini Devi*, fundadora do *Kalakshetra*, uma famosa escola de dança do sul da Índia, e foi convidada a lecionar desenho. Seu constante interesse por arte e educação a levou a visitar as escolas do *KFI (Krishnamurti Foundation India)* e as do *Sri Aurobindo Ashram*.

Nas décadas de 80 e 90, reunia pequenos grupos para realizarem o que denominava "pintura coletiva", unindo experiências vivenciadas na Índia com a espontaneidade da arte contemporânea. Deu aulas para crianças do vale do Jequitinhonha e workshops em Porto Trombetas, no Pará, convidada pela escola Pitágoras.



Proferiu palestras e coordenou *workshops* em vários congressos promovidos pela Universidade Holística Internacional de Brasília- UNIPAZ. Tendo como roteiro as propostas do livro ***Os Caminhos da Arte***, os *workshops* reuniam, muitas vezes, grupos de mais de cem pessoas para realizarem trabalhos artísticos, sem finalidade comercial. O trabalho final era considerado uma celebração, quando todos participavam de uma obra única, em que se enfatizava o processo, a quebra da dualidade entre os integrantes, o que os despertava para um novo comportamento, mais consciente e solidário.

Um exemplo de tais trabalhos foi aquele sobre a Dança de Shiva, realizado na Unipaz em Brasília e descrito na voz de Maria Helena.

Anos 2000 - Em 2005, foi criado o IMHA (Instituto Maria Helena Andrés), em Entre Rios de Minas, Minas Gerais. Com a participação ativa de Maria Helena, o Instituto realizou Festivais de Inverno e promoveu o ensino de música nas escolas com a finalidade de promover o desenvolvimento humano a partir da educação pela arte. O IMHA colaborou ativamente com os Mutirões culturais ali realizados nos anos seguintes.



Fotos: Heder Godinho

“Arte / Yoga / Ecologia”, uma das oficinas do I Festival de Inverno de Entre Rios de Minas, julho, 2006.



Fotos: Júlio Margarida

“Maracatu Lua Nova”, um dos eventos de encerramento do II Festival de Inverno de Entre Rios de Minas, julho, 2007



Fotos: Júlio Margarida

“Música para todos”, Ponto de Cultura em Entre Rios de Minas, desde 2009

Década de 2010

No dia 19 de abril de 2017 Maria Helena recebeu o título de professora Emérita da Escola Guignard em solenidade no Auditório da Escola. “Recebi a homenagem pelos serviços prestados à cultura de Minas Gerais, assim estava escrito no diploma. Ladeada pelo representante do reitor da Universidade de Minas e do diretor da Escola, tendo também ao meu lado minha filha Marília Andrés, presidente do IMHA (Instituto Maria Helena Andrés), participei da entrega solene do diploma.”



Ela escreveu em seu blog: “Emocionante sentir o carinho com que fui recebida, o entusiasmo e alegria de seu jovem diretor Adriano Gomide. A vice-diretora Lorena me entregou um buquê de flores, previamente composto tendo como referência um quadro de Guignard. Eu olhava para aquelas flores, de cores variadas, com um girassol à frente, exatamente como a tela do mestre e me lembrava da alegria e espontaneidade de Guignard, transmitindo a seus alunos o seu entusiasmo pela arte. O importante não era seguir o mestre

copiando suas telas, mas com o seu incentivo, descobrir o próprio caminho. Desvendar a beleza dos céus de Minas, descobrir anjos e guerreiros nas nuvens, observar os muros velhos, as pedras, as sombras que desenham novas formas. Sob sua orientação pude me libertar de minha formação acadêmica, para me abrir para um itinerário próprio, mais condizente com o meu temperamento.”



“O momento mais emocionante aconteceu quando cantamos de pé o Hino Nacional, pois senti que o hino é uma forma de unir todos numa só vibração. Em seguida Adriano Gomide subiu até um pequeno púlpito destinado aos congressistas e disse palavras que merecem toda a minha gratidão. Era necessário que eu também falasse, e pronunciei ali um improviso, lembrando a criação da escola, considerada a vanguarda mineira da época, e o título dado à Guignard pelos intelectuais do Rio de Janeiro e São Paulo, como o melhor professor de arte do Brasil. Os fatos do passado nos conduzem a um início que merece ser lembrado.”